



Os Letrados e a Doutora: os processos de canonização de Santa Teresa de Jesus e a Universidade de Salamanca (1591-1610)

LUCIANA LOPES DOS SANTOS*

*“mas ya se donde has ydo,
que el ser doctora al cielo te ha subido.
Y como lo has de ser ente varones
eres otro san Pablo en las visiones;
ò Adam de quien qual Eva
salio esa religion hermosa y nueva.”*

Elogiada nos versos acima por sua obra escrita – “que el ser doctora al cielo te ha subido” (DALMAU, 1615: xiii) - a Beata Teresa recebeu ainda outros qualitativos no mesmo texto, sendo comparada a São Tomás de Aquino, “em pureza e saber”. Este fato não teria sido tão peculiar, se o texto citado não tivesse sido publicado em 1615, um ano após a beatificação de Teresa de Jesus, sete anos antes de sua canonização pela Igreja Católica e mais de três séculos antes de ter sido proclamada pelo Papa Paulo VI como a primeira mulher Doutora da Igreja, em 1970.

O que a Igreja Católica levou séculos para reconhecer oficialmente, a importância da obra escrita de Teresa, a ponto de ela poder ser chamada de Doutora, já havia sido reconhecida pelo povo devoto muito tempo antes. Sobretudo, se analisarmos as narrativas das publicações relacionadas às festas de sua beatificação e canonização, realizadas em várias cidades espanholas; mas também, de modo especial, se examinarmos os depoimentos feitos para os processos de beatificação e canonização da Madre Teresa de Jesus.

Este artigo é a continuação da pesquisa realizada no curso de Doutorado em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com período “sanduíche” na Universidade de Alcalá de Henares, cujo resultado foi uma tese denominada “A Madre Fundadora e os Livros: santidade e cultura escrita no ‘siglo de oro’ espanhol” (SANTOS, 2012). Ao mesmo tempo, é o pontapé inicial de uma investigação pós-doutoral a ser realizada no ano de 2018 junto ao *Instituto de Estudios Medievales y Renacentistas y humanidades digitales* (IEMYRhd), na

* Doutora em História e professora adjunta de História Moderna e História da América da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Contato: lulosan@gmail.com.

Universidade de Salamanca, Espanha. Portanto, este texto demonstrará algumas hipóteses a serem desenvolvidas posteriormente, bem como alguns resultados parciais, a partir do conhecimento e análise das fontes. Dessa forma, os objetivos desta pesquisa são: estudar os processos de beatificação e canonização de Teresa de Jesus, a partir do ponto de vista de seus depoentes; analisar o papel exercido pela Universidade de Salamanca na santidade de Teresa de Jesus enquanto processo histórico e para o estabelecimento de sua obra escrita como doutrina reconhecida pela Igreja Católica, avaliando a participação dos catedráticos de Salamanca e de outros personagens ligados à universidade salmantina na elevação de uma mulher escritora aos altares.

* * *

Nascida Teresa de Cepeda y Ahumada (1515-1582) e também conhecida como Teresa de Ávila, Teresa de Jesus foi uma monja carmelita que, nos últimos 20 anos de vida, dedicou-se a impulsionar a fundação de 17 mosteiros femininos e 11 comunidades masculinas, os quais deram origem à Ordem do Carmelo Descalço. Castelhana, leu muito e escreveu muito. Os principais temas desenvolvidos em sua obra escrita foram a vida espiritual, a vida em comunidade e os problemas enfrentados nas fundações, materializados em quatro livros – Livro da Vida, Caminho de Perfeição, Moradas do Castelo Interior e Livro das Fundações – e em uma série de textos menores, como poemas, um grande número de cartas e as primeiras Constituições do Carmelo Descalço, de 1581. Apesar disso, segundo Gillian Ahlgreen (AHLGREEN, 1995: 388), a Inquisição recebeu críticas da doutrina mística de Teresa até 1593, mesmo depois de já terem iniciados os ritos do seu processo de canonização.

A elevação da Madre Teresa de Jesus aos altares pela Igreja Católica se deu em um contexto complexo, no qual podemos evidenciar pelo menos três aspectos que influenciaram diretamente os seus processos de beatificação e canonização. Em primeiro lugar, o Concílio de Trento (1545-1563) marcava uma época de profundas modificações no catolicismo e um exemplo delas foi a reafirmação do culto aos santos e a criação da Sagrada Congregação dos Ritos, em 1588. A partir de então, este seria o órgão responsável pelas beatificações e canonizações, dando um maior controle papal sobre a proclamação de novos beatos e santos pela Igreja Católica.

Em segundo lugar, os processos foram realizados no contexto de crise da monarquia espanhola, que desde o final do reinado de Felipe II já se encontrava em decadência. A proclamação da santidade de Teresa de Jesus, em 12 de março de 1622, foi feita junto com a de outros novos santos, um italiano – Felipe Néri – e três deles espanhóis: Inácio de Loyola, Francisco Javier e Isidoro Lavrador (padroeiro da cidade de Madrid). Segundo Juan Luis González García, as festividades relacionadas à proclamação de novos beatos e santos desempenharam um importante papel nesta conjuntura, já que a participação da Coroa nas celebrações deu a elas uma marca política, além de confessional, fazendo com que as festividades fizessem parte das solenidades da Corte. Além disso, era comum que, juntamente com as festas, acontecessem publicações impressas relacionadas a elas, com sermões em honra ao novo beato ou santo e poemas, como o citado anteriormente. Assim, as festividades e as publicações feitas em razão delas tinham uma dupla função; de exaltar interesses “nacionais” e de afirmação da autoridade real (GARCÍA, 2016: 195). De acordo com Ricardo García Cárcel (ALABRÚS; CÁRCEL, 2015: 116):

“El contexto en que se sitúa la propuesta de beatificación de Teresa se inserta en el marco de la gran ofensiva protestante europea. [...] La promoción de Teresa como baluarte del denostado catolicismo, barrera defensiva, frente al aluvión de impropiedades y acusaciones pintorescas contra la monarquía, el país y la religión católica pareció, en esa situación, necesaria.”

Em terceiro lugar, o período no qual foram tomados os depoimentos (de 1591 a 1610) também foram marcados pelas disputas internas na ordem religiosa fundada por Teresa. O conflito maior se deu entre Frei Nicolás de Jesus Maria (Doria) e seus partidários contra os defensores de um “espírito teresiano” e humanista, personificados em Frei Jerónimo Gracián, Madre Maria de São José e Madre Ana de Jesus, envolvendo também outras personalidades da sociedade da época, como o frade agostiniano Luis de León, primeiro editor dos escritos de Teresa e destacado catedrático da Universidade de Salamanca (MORIONES, 1968: 180-185). Em 1592, após uma série de conflitos, Nicolás Doria, então Vigário Geral dos carmelitas descalços, impôs novas Constituições, mais rígidas e contrárias em vários aspectos às que haviam sido escritas por Teresa, tirando das monjas a autonomia criada por ela e as subjugando ao governo dos frades. O resultado disso foi que no mesmo ano da publicação das novas Constituições, Doria ordenou a expulsão de Jerónimo Gracián da Ordem Carmelita Descalça, que havia defendido a posição das monjas neste processo. Da mesma forma, Doria decretou o

silenciamento de Ana de Jesus - presa em sua cela, privada de voz ativa e passiva por três anos - e de Maria de São José - reclusa no cárcere conventual por um ano, sem direito a voz e voto por dois anos (SANTOS, 2012: 154-161). Esta sucessão de fatos foi fundamental para a construção da memória histórica carmelita (MORIONES, 1997), refletindo também na ausência de alguns depoimentos importantes no corpus documental dos processos de beatificação e canonização de Teresa de Jesus, como, por exemplo, o de Jerónimo Gracián, assim como na pequena participação dos frades carmelitas descalços enquanto depoentes dos processos: de todos os testemunhos conservados, apenas seis foram realizadas por estes frades, enquanto que os das monjas carmelitas constituem o grupo mais numeroso de relatos.

A causa pela canonização da Madre Teresa de Jesus foi empreendida a partir de 1591, nove anos após sua morte, pelo Bispo de Salamanca, Jerónimo Manrique. Por que Salamanca? Teresa havia nascido e vivido em Ávila por pelo menos 30 dos seus 67 anos. Por ocasião de suas fundações, circulou por boa parte da Espanha, de modo especial no território do antigo reino de Castela. No entanto, no território da Arquidiocese de Salamanca estavam dois mosteiros fundados por Teresa: na própria sede arquidiocesana e na vila ducal de Alba de Tormes. Os custos das declarações foram inicialmente pagos pelo Duque de Alba, Fernando de Toledo: catorze mil ducados. Quando morreu, em outubro de 1582, a Santa estava em Alba de Tormes, por obediência ao prelado, que a havia mandado ajudar a Duquesa de Alba em seu parto. Os restos mortais da Madre, após uma disputa entre os mosteiros de Ávila e Alba de Tormes, repousavam novamente neste mosteiro e “si está enterrada en Alba de Tormes y no en Ávila no es por outra razón que porque los duques de Alba impusieron, ante el próprio papa, el retorno del cadáver de Teresa de Ávila a Alba” (ALABRÚS; CÁRCEL, 2015: 218).

Muito além das relações entre os duques e a Madre, temos um fato determinante neste contexto, que foi a exumação do seu corpo; a partir disso, a notícia de que este estaria incorrupto rapidamente se espalhou por todo o território castelhano. Com isso, o Bispo de Salamanca justificou a abertura dos processos, iniciando os depoimentos com o dominicano Domingo Báñez, catedrático da Universidade de Salamanca, ex-confessor de Teresa que teve um destacado papel em relação aos escritos da Madre. O “Livro da Vida”, autobiografia espiritual da monja carmelita, teve sua censura escrita no epílogo; foi citado no “Caminho de Perfeição”,

porque deu a licença para a Santa escrever sobre oração para as irmãs carmelitas; além disso, revisou “*Meditaciones de los Cantares*”.

A canonização de Teresa foi proclamada em 1622 (a beatificação havia sido em 1614), o que pode ser avaliado como um processo rápido, considerando que se passaram quarenta anos desde sua morte até o reconhecimento de sua santidade pela Igreja Católica. A causa contou com o apoio de reis, nobres e bispos, bem como de catedráticos de universidades espanholas da época, de modo destacado, da Universidade de Salamanca. O suporte demonstrado por estas personalidades evidencia as redes de sociabilidade estabelecidas por Teresa ao longo da vida, principalmente pelas relações e amizades feitas no âmbito das fundações (ALABRÚS; CÁRCEL, 2015: 206-207). Estas redes também podem ser visivelmente demonstradas por meio dos testemunhos de apoio - por forma de cartas enviadas à Roma para expressar adesão à causa, atuando como instrumentos de pressão aos cardeais e ao Papa – e também pelos depoimentos dos processos de beatificação e canonização (ALABRÚS; CÁRCEL, 2015: 120-121):

“La red de declarantes y de testimonios de apoyo fue impresionante. Nobles de alta alcurnia, como la ya citada duquesa de Alba, Diego de Silva y Mendoza (duque de Francavilla), la duquesa de Gandía (doña Juana Velasco), Juan Hurtado de Mendoza (duque del Infantado), Pedro Lasso de la Vega (conde de Arcos), Antonio de Quiñones (conde de Luna), el duque de Sessa..., se pronunciaron con múltiples cartas de apoyo y adhesiones de personajes tan significados como el duque de Lerma y el propio rey de Francia Luis XIII. Asimismo, obispos y canónigos de toda España, inclusive diócesis catalanas, como Barcelona, Lleida, Urgell, escribieron cartas de apoyo. Fueron cinco los obispos postuladores, los de Burgos, Calahorra, Sevilla, Málaga y Ávila. Se pronunció públicamente a favor de la causa el aparato administrativo de los consejos (el presidente del Consejo Real, Pedro Manso; Juan de Idiáquez, presidente del Consejo de Órdenes; miembros de la administración del Consejo Real, como los licenciados Gaspar Vallejo, Bartolomé Vázquez, Francisco Méndez de Puebla...). De las órdenes religiosas, las que más se significaron fueron la de los jesuitas (declararon Ribera, Enríquez, Pérez de Nueros, Suárez, Rodríguez y Possevino) y la de los agustinos (Basilio Ponce de León, Juan de Miranda, Cristóbal de Santolís y Antonio de Molina). Entre los carmelitas, aparte de las monjas, que constituyen el ejército masivo de declarantes, constatamos la presencia de algunos carmelitas calzados que declararon a favor (Hermenegildo de Medina, Ángel de Salazar y Pedro Cornejo). La Universidad de Salamanca fue la que más se significó en el apoyo, como demuestran los testimonios de Domingo Báñez, Agustín Antolínez, Juan Alfonso Curiel, Pedro Cornejo y otros muchos catedráticos de la universidad.”

Os depoimentos destas pessoas eram tomados em cada uma das dioceses, com o auxílio dos procuradores da causa, notários apostólicos e bispos. Isso fez com que os variados processos estivessem dispersos. Por exemplo, os de Ávila estão no Arquivo Diocesano da mesma cidade; os de Madrid, Toledo e El Escorial se encontram na Biblioteca Nacional de Madrid; algumas

cópias estão em Burgos, no Arquivo Silveriano dos frades carmelitas descalços, ou em Salamanca, ou no Arquivo Geral da Ordem do Carmelo Descalço, em Roma.

Os processos de beatificação e canonização de Santa Teresa de Jesus representam, ao mesmo tempo, um tipo de escrita hagiográfica e um processo jurídico, com provas e testemunhas. Ademais, expressam parte da construção da memória da “Madre Fundadora” e demonstram as relações dos primeiros leitores com os textos teresianos, dando a dimensão do significado de seus escritos para a sociedade dos séculos XVI e XVII.

A dispersão e a grande quantidade das fontes fizeram com que tivéssemos pelo menos duas grandes tentativas de publicar o maior número de processos possível, afim de facilitar a conservação dos originais e a vida do pesquisador. A primeira publicação foi feita em 1935, pelo Frei Silvério de Santa Teresa, que editou 294 depoimentos. Para a pesquisa de Doutorado já citada, foram utilizados estes 294 testemunhos, 5 inéditos publicados por Sobrino Chomón (PROCESOS, 2008), além de 110 declarações que ainda não haviam sido publicadas, cujas cópias se encontram no Arquivo Silveriano de Burgos, contabilizando 409 depoimentos de 389 depoentes diferentes, já que alguns haviam declarado mais de uma vez.

Em 2015, no âmbito das celebrações do quinto centenário de nascimento de Teresa de Jesus, foi lançada uma nova publicação, pelo Frei Julen Urkiza. Esta é constituída por seis volumes, sendo que quatro deles foram editados no mesmo ano e os dois últimos ainda estão para serem publicados. Nestes seis volumes, temos um total de 751 depoimentos (PROCESOS, tomo I, 2015: 25), sendo que 600 destes estão nos quatro primeiros tomos já editados. Destes 600 relatos, temos 336 declarações feitas por homens e 264 por mulheres, em sua maior parte religiosos e religiosas.

Pelo menos 37 relatos foram realizados por pessoas ligadas à Universidade de Salamanca, entre catedráticos, *colegiales*, secretários, etc. Três catedráticos da universidade salmantina correspondem à linha de frente na tomada de depoimentos dos processos informativos de Salamanca de 1591: o já citado Domingo Báñez, dominicano que teve um papel importante no estabelecimentos dos textos teresianos; Francisco de Ribera, considerado o primeiro biógrafo da Santa, cuja obra, publicada em 1590, influenciou diretamente na redação dos interrogatórios dos processos e na divulgação de aspectos da vida de Teresa, conforme

atestam as declarações; e Enrique Enríquez, jesuíta como o anterior, que havia conhecido, quando estava em Sevilla, Teresa e dois de seus irmãos que haviam voltado das Índias, e sido confessor da Madre quando ambos viviam naquela cidade. Além dos depoentes, ainda temos um grande número de pessoas citadas nos relatos que tinham relações com a Universidade, de modo especial, sendo catedráticos e que também, de alguma forma, representaram a grande divulgação que tinham os escritos teresianos no meio acadêmico da época.

A comprovação da autenticidade da experiência mística de Teresa e de seus escritos sempre passou por confessores e letrados conhecidos da sociedade castelhana. No momento dos depoimentos dos processos de beatificação e canonização, tal comprovação chegou aos catedráticos das universidades, de modo muito particular, da Universidade de Salamanca. A instituição salmantina representou, durante os séculos XVI e XVII, o estereótipo do prestígio, sendo celebrada como a primeira da Espanha. No ano de 1625, a Península Ibérica contava com 32 universidades ou fundações universitárias; dentre estas, a Universidade de Salamanca tinha as cátedras mais bem pagas e era a menos regional na constituição de seu corpo discente (BEZARES, 2002: 19). A América via em Salamanca um horizonte de referências, homens e ideias. A partir do início do século XVII, seu corpo docente se caracterizava como um “estamento profissional poderoso, formado por hidalgos, gentes de limpia sangre y vinculación de nobleza titulada; un grupo endogámico, nutrido de erudición técnica y rutinaria, proclive a una mentalidad conservadora y tradicionalista, de línea oficial” (ÁLVAREZ, 1989: 124-125).

Ideologicamente, as referências tomistas eram as mais utilizadas. O “monopólio tomista” foi sendo desfeito a partir de resoluções que criavam cátedras vinculadas a diferentes ordens religiosas. Assim, coexistiram (ÁLVAREZ, 1989: 125):

“la escuela tomista, la agustiniana, jesuita-suareciana, escotista (los franciscanos volvieron a las universidades a partir de 1682)..., con enfrentamientos doctrinales, sutilezas, controversias, imbricadas de pretensiones de hegemonía y búsqueda de influencias y esferas de poder, aunque siempre afirmando y defendiendo los principios doctrinales tridentinos por encima de las interpretaciones de escuela.”

Em junho de 1581, sob as orientações de Madre Teresa, um destes colégios havia sido fundado pelos frades carmelitas descalços, o colégio de San Elías. Das 11 casas masculinas carmelitas que seriam erigidas enquanto Teresa era viva, três foram *colegios* ligadas a alguma

universidade: o colégio de San Cirilo, fundado em 1570 em Alcalá de Henares, o colégio de San Basilio, em Baeza, construído em 1579 e o já citado de Salamanca. O saber acadêmico era apreciado e buscado por Teresa, e, posteriormente, defendido por seu colaborador Jerónimo Gracián, que havia sido formado pela Universidade de Alcalá de Henares. Não esquecendo também que o meio familiar no qual se criou Jerónimo Gracián Dantisco foi propício para sua defesa dos estudos acadêmicos e do humanismo: era filho de Diego Gracián Alderete, humanista e secretário do imperador Carlos V, e depois de seu filho Felipe II. Dois de seus irmãos, Lucas Gracián Dantisco (autor do conhecido “Galateo Español”) e Antonio Gracián Dantisco (bibliotecário de El Escorial), continuaram o trabalho do pai como secretários reais. Ainda foi secretário de línguas do rei Felipe II outro irmão do padre carmelita, o escritor Tomás Gracián Dantisco, autor de “Arte de escribir cartas familiares” (SOROLLA, 2001: 27). Em “Peregrinación de Anastasio”, obra de cunho autobiográfico escrita em formato de diálogo por Frei Jerónimo Gracián (citado em MORIONES, 1997: 51), o autor argumentava que:

“Para el aumento de una Orden no hay mejor camino que plantar seminarios en las Universidades de estudiantes, porque allí toman el habito los buenos sujetos [...] aunque me convidaban con muchas fundaciones en diversos pueblos, siempre fue mi opinión que los conventos habían de ser pocos, de gente escogida y en ciudades principales, particularmente Universidades de estudios, para dilatarse esta Orden de la Virgen Santísima María en todo el mundo con el fruto de las almas, como se había dilatado la de la Compañía de Jesús.”

De acordo com a concepção da Madre Fundadora, os frades deveriam ser estudiosos das Escrituras e de espiritualidade cristã, sendo, portanto, confessores e pregadores capazes de cooperarem com as monjas carmelitas. Frei Jerónimo Gracián, por sua formação familiar humanista e admiração às opiniões da Madre, abraçou a ideia, fazendo com que isto fosse uma das causas de disputa na Ordem do Carmelo Descalço após a morte de Teresa.

Aqueles depoentes ligados à Universidade de Salamanca, em sua maior parte teólogos e especialistas nas Sagradas Escrituras, declararam principalmente que os livros de Teresa poderiam ser lidos como “bons escritos” e que sua doutrina era importante para a cristandade. Este pensamento era passado em seus cursos e sermões, chegando também aos mosteiros. A ideia de uma Teresa “Doutora da Igreja” aos poucos ia sendo construída, porém não pensada de forma mais concreta para aqueles tempos. Somente no século XX, mais precisamente no ano

de 1922, nas festividades do terceiro centenário de sua canonização, Teresa de Jesus foi proclamada como a primeira Doutora *“honoris causa”* da Universidade de Salamanca, provando a intensa relação da Universidade com Teresa e seus escritos. O reconhecimento, 48 anos antes da aclamação de Teresa como “Doutora da Igreja”, demonstrou a relevância da obra teresiana no meio acadêmico, a partir de estudos de sua doutrina e de seus aspectos literários.

Podemos concluir afirmando que ainda restam questões a serem respondidas nos próximos passos desta pesquisa: a partir dos processos de canonização, qual a importância dos escritos teresianos no meio universitário da época e a imagem de Teresa de Jesus descrita pelos catedráticos da Universidade de Salamanca? Quais as influências das redes de sociabilidade estabelecidas por Teresa em sua canonização? Qual o papel exercido pela Universidade de Salamanca enquanto instituição no processo de afirmação de sua santidade e no estabelecimento de sua obra escrita enquanto doutrina reconhecida pela Igreja Católica?

Referências Bibliográficas:

AHLGREN, Gillian T. W. Negotiating Sanctity: Holy Women in Sixteenth-Century Spain. **Church History**, Cambridge University Press/ American Society of Church History, vol. 64, n. 3, pp. 373-388, set. 1995. Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Acesso em maio 2008.

ALABRÚS, Rosa M^a; CÁRCEL, Ricardo García. **Teresa de Jesús: la construcción de la santidad femenina**. Madrid: Cátedra, 2015.

ÁLVAREZ, Manuel Fernandez (dir.). **La Universidad de Salamanca**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1989. Vol. I: Trayectoria histórica y Proyecciones.

BEZARES, Luis Enrique Rodríguez-San Pedro. **Bosquejo Histórico de la Universidad de Salamanca**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2002.

DALMAU, Ioseph. **Relacion de la solemnidad con que se han celebrado en la ciudad de Barcelona las fiestas a la beatificacion de la Madre S. Teresa de Iesvs, fundadora de la reforma de de Frayles y Monjas, de nuestra Señora del Carmen, de los descalços**. Barcelona: Impressor Sebastian Matevad, 1615. Disponível em: <http://books.google.com>. Acesso em mar. 2011. p. xiii.

GARCÍA, Juan Luis González. Festivals and Hagiography in the Spanish Court (1565-1615). In: CREMADES, Fernando Checa; FERNÁNDEZ-GONZALES, Laura (ed.) **Festival Culture in the World of the Spanish Habsburgs**. New York: Routledge, 2016. Pp. 195-218.

MONTES, Francisco Javier Alejo. El Acceso a los Cuerpos Docentes en la Universidad Renacentista de Salamanca. **REDEX**, Revista de Educación de Extremadura, Universidad de Extremadura, n. 2, 2011, pp. 81-97. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es>. Acesso em jul. 2016.

MORIONES, Ildelfonso. **Ana de Jesús y la Herencia Teresiana**. ¿Humanismo cristiano o rigor primitivo? Roma: Teresianum, 1968.

MORIONES, Ildelfonso. **El Carmelo Teresiano y sus problemas de memoria histórica**. Vitoria: Ediciones del Carmen, 1997.

MUÑOZ, Francisco Javier Rubio. Viejas fuentes, nuevos enfoques: prosopografía académica y bases de datos en Historia de las Universidades. In: BEZARES, Luis Enrique Rodríguez-San Pedro; RODRÍGUEZ, Juan Luis Polo (coord.) **Miscelánea Alfonso IX: Fuentes, Archivos y Bibliotecas para una Historia de las Universidades Hispánicas**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2014. Pp. 403-419.

PROCESOS de Beatificación y Canonización de la Madre Teresa de Jesús: Edición del Quinto Centenario. Burgos: Monte Carmelo, 2015. 4 Tomos. [BMC 35, 36, 37, 38. Editados e anotados por Julen Urkiza]

PROCESOS de Beatificación y Canonización de Sta. Teresa de Jesús. Burgos: Monte Carmelo, 1935. 3 Tomos. [BMC 18, 19 e 20. Editados e anotados por Silvério de Santa Teresa]

PROCESOS para la beatificación de la madre Teresa de Jesús: edición crítica. Vols. I e II. Ávila: Institución “Gran Duque de Alba”/Caja de Ahorros de Ávila, 2008. [FHA 75 e 76. Editados e anotados por Tomás Sobrino Chomón]

SAGRADA FAMILIA, Hipólito de La. Los Procesos de Beatificación y Canonización de Santa Teresa. **Monte Carmelo**, n. 78, vols. 1-3, Editorial Monte Carmelo, Burgos, pp. 85-130. 1970.

SÁNCHEZ, Gustavo Hernández. Hacia una Historia Social y Cultural de las Universidades en la Temprana Edad Moderna: poder, cultura y vida cotidiana en las Universidades Hispánicas. In: BEZARES, Luis Enrique Rodríguez-San Pedro; RODRÍGUEZ, Juan Luis Polo (coord.) **Miscelánea Alfonso IX: Fuentes, Archivos y Bibliotecas para una Historia de las Universidades Hispánicas**, Salamanca: Universidad de Salamanca, 2014. Pp. 379-

SANTOS, Luciana Lopes dos. **A Madre Fundadora e os Livros: santidade e cultura escrita no “siglo de oro” espanhol**. 2012. 252 pp. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SOROLLA, Maria Pilar Manero. La peregrinación autobiográfica de Anastasio-Jerónimo (Gracián de la Madre de Dios). **Revista de Literatura**. Madrid, n. 125, t. LXIII, 2001. Disponível em: <http://revistadeliteratura.revistas.csic.es>. Acesso em jun. 2011.